

A propósito da capela dedicada à Virgem na igreja de Santo Eugénio

Nossa Senhora de Fátima em Roma

VERA FÉLIX MARIZ

Na grandiosa igreja de Santo Eugénio, do *Viale delle Belle Arti* da cidade de Roma, encontra-se uma pouco conhecida, mas extraordinariamente importante, capela de Nossa Senhora de Fátima.

A iniciativa da construção deste testemunho da presença portuguesa no coração da Cristandade, surgiu em 1942 no âmbito de um projecto supranacional traçado no Vaticano, cujo objectivo residiu na criação de um templo comemorativo do jubileu episcopal do Papa Pio XII (1876-1958), tendo esta ordenação ocorrido a 13 de Maio de 1917, no mesmo dia da primeira aparição de Nossa Senhora na Cova da Iria aos três videntes.

A igreja a erguer num terreno oferecido pelos Cavaleiros de Colombo, deveria ser construída, apenas, com donativos de católicos de todo o mundo. Nações como o Brasil, a República do Líbano e a República Federal da Alemanha, contribuíram para a construção de um monumento majestoso.

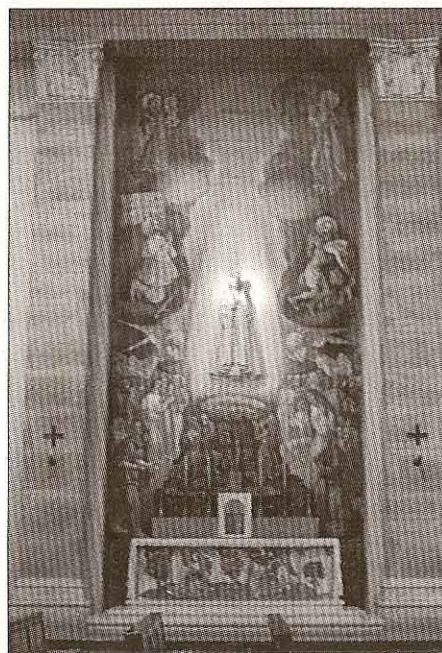
Assim, independentemente da suspensão dos trabalhos entre o Verão de 1943 e 1947, devido aos bombardeamentos da cidade de Roma aquando da Segunda Guerra Mundial, fiéis de todo o mundo contribuíram para a materialização de um imponente templo, arquitectónica e decorativamente eclético, que constitui, sem dúvida, o mais perfeito testemunho do pontificado do Papa Pacelli.

São, pois, os elementos artísticos que criam um ambiente homogéneo e unitário entre as diversas expressões plásticas, resumindo esteticamente o pontificado do homenageado. Desta forma, encontramos neste templo, por exemplo, capelas laterais dedicadas a Francisca Saverio Cabrini (1850-1917) e Nicolau de Flue (1417-1487), ambos canonizados pelo pontífice em 1946 e 1947, res-

pectivamente, a S. Francisco de Assis (1181-1226) e a Santa Catarina de Sena (1347-1380), padroeiros de Itália desde 1939, a Filipe de Néri (1515-1595), patrono de Roma, ao Sagrado Coração de Jesus e a Nossa Senhora, as duas grandes devoções particulares de Sua Santidade e cultos fundamentais do movimento internacional de restauração católica da sociedade, alegorias à paz e à justiça, uma vez que o messianismo de Isaías — «A paz será obra da justiça» (Is 32, 17) — era o mote de Pio XII, e uma representação da Assunção no baptistério, dogma definido e proclamado por este Vigário de Cristo a 1 de Novembro de 1950.

Apesar de todas as participações, Portugal foi a única nação que garantiu, desde 1942, o informe que a sua capela seria exclusivamente concretizada com os mármore e pelos artistas portugueses.

Para esta questão contribuiu, sem espaço para dúvida, a especial relação entre Portugal e o Papa Pio XII, sendo claro que esta não se esgota na questão inaugural da coincidência da sagração episcopal do segundo no mesmo dia da primeira aparição da Virgem a Lúcia, Jacinta e Francisco. De facto, esta obra é, também, devedora e testemunho da enraizada devoção mariana do pontífice, da encíclica *Saeculo Exeunte Octavo* (1940), através da qual o Santo Padre elogiou e incentivou a histórica actividade missionária portuguesa, da consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria através de uma mensagem radiofónica em português (1942), da coroação da imagem de Nossa Senhora de Fátima da Capelinha das Aparições pelo legado papal Aloisio Massela (1946), da proclamação de Santo António de Lisboa como Doutor da Igreja (1946), da canonização de S. João de Brito (1947) e da definição do dogma da Assunção (1950) na mesma época em que assistiu, nos jardins do Vaticano, ao milagre do sol.



De resto, a iniciativa em causa surgiu após uma sugestão do Embaixador junto da Santa Sé, António Carneiro Pacheco (1887-1957) ao Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira (1888-1977). Na sequência deste contacto e por indicação do Cardeal Patriarca, foi constituída uma comissão responsável pela angariação dos fundos necessários para a materialização da homenagem nacional. Contudo, há que ter em conta, e valorizar, o papel desempenhado, posteriormente, por Oliveira Salazar (1889-1970). Isto porque, foi o Presidente do Conselho de Ministros quem deu o impulso que faltava a esta iniciativa no período pós-suspensão dos trabalhos, indicando ao Ministro das Obras Públicas e Comunicações, José Frederico do Casal Ribeiro Ulrich (1905-1982), que procedesse à nomeação dos técnicos e artistas necessários e assumisse a responsabilidade da concretização deste projecto.

Assim, a capela, criada pelo arquitecto Luís Benavente (1902-1993), pintor mural Jaime Martins Barata

(1899-1970), escultor Leopoldo de Almeida (1898-1975) e ceramista Jorge Barradas (1894-1971), encontra-se num dos espaços mais importantes do templo, o braço esquerdo do transepto, sendo o direito dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, numa obra do veneziano Bruno Saetti.

De uma maneira geral, e de uma forma absolutamente grandiosa e eloquente, assistimos à reunião do povo português e dos seus santos e beatos, em torno da Virgem aparecida na Cova da Iria no ano de 1917.

Nesta inaugural incursão na técnica da pintura mural, Jaime Martins Barata encenou, de forma corajosa e tecnicamente segura, uma lusitanidade popular, rústica, anónima e profundamente devota, num primeiro nível narrativo, bem como a sua sublimação através de grandes heróis cuja eleição foi perfeitamente ponderada. Assim, deparamo-nos com Nuno Álvares Pereira, herói da independência nacional cuja causa de canonização fora retomada em 1940, com Santo António de Lisboa, o santo português com maior projecção internacional e declarado Doutor da Igreja pelo próprio Papa Pio XII, com a Rainha Santa Isabel, pacificadora e protectora de Portugal, e com S. João de Deus, apóstolo da caridade com impacto supranacional.

A meio da altura do pano central de parede, deparamo-nos com um alto-relevo da titular da capela, Nossa Senhora de Fátima, obra de Leopoldo de Almeida num alvíssimo mármore de Vila Viçosa.

A monotonia da mesa de altar projectada por Benavente, é quebrada pelo frontal em cerâmica policromada, da autoria de Jorge Barradas. Graças a uma técnica extraordinariamente apurada, o artista criou uma interessante «Anunciação», que nos remete para o culto eucarístico privilegiado pelo movimento de restauração católica.

A inauguração da igreja de Santo Eugénio em Roma e, naturalmente, da capela oferecida pelos portugueses a Sua Santidade, ocorreu no dia 2 de Junho de 1951. Nesta ocasião, a iniciativa foi conscientemente enriquecida com a reedição nacionalista de gestos históricos de D. Manuel I (1469-1521) e D. Luís (1838-1889), ofertando-se ao pontífice um cofre com barras de ouro e um cálice, ambos projectados por Luís Benavente e financiados pelos portugueses do Ultramar.

Graças ao sucesso da iniciativa portuguesa, Sua Santidade dirigiu três mensagens aos fiéis portugueses no ano de 1951, a 2 e 4 de Junho e a 13 de Outubro, tendo declarado, logo em Maio, que o encerramento do Ano Santo *extra urbem* teria lugar no Santuário de Nossa Senhora de Fátima.

Desta forma, a capela atesta convincentemente a presença portuguesa no coração da Cristandade e, muito particularmente, a devoção mariana do pontífice e as suas importantes relações com Fátima, assumindo-se como uma obra de grande interesse para todos nós.